

## O ESPAÇO COMO CAMPO DE POSSIBILIDADE PARA A INCLUSÃO DO TURISMO NOS ASSENTAMENTOS RURAIS

SPACE AS A FIELD OF THE POSSIBILITY FOR INCLUSION  
OF TOURISM IN RURAL SETTLEMENTS

Clediane Nascimento Santos<sup>1</sup>  
Rosângela Custodio Cortez Thomaz<sup>2</sup>

Recebido em 03/10/2013

Aprovado em 09/11/2014

<sup>1</sup> Mestranda e Bolsista FAPESP do curso de Pós Graduação em Geografia. Universidade Estadual Paulista.  
[cledianenascimento@yahoo.com.br](mailto:cledianenascimento@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Pós-Doutora em Turismo pela Universidade de Santiago de Compostela – ES Coordenadora Executiva da UNESP – Univ. Estadual Paulista. [rocortez@rosana.unesp.br](mailto:rocortez@rosana.unesp.br).

### RESUMO

O estudo da temática da cultura nos assentamentos Gleba XV de Novembro e Nova Pontal, ambos localizados no espaço rural do Município de Rosana/SP, diz respeito à relevância desta para o desenvolvimento do turismo no espaço rural. Consiste em considera-los importantes para o desenvolvimento social e econômico da comunidade envolvida. Propõe - se a compreender o turismo por meio de um estudo de caso, de natureza descritiva e exploratória, com estudo da literatura pertinente e mediante o uso de entrevistas semi-estruturadas. Os sujeitos foram os mestres da Folia de Reis e da Roda de Viola, bem como os gestores da Prefeitura, da Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta e do Museu de Memória Regional. Constatou - se que a cultura dos assentados é fundamental para o processo de desenvolvimento local e observou-se que a sua valorização por meio da prática do turismo é de grande valia para salvaguardar o modo de vida, seus saberes e costumes, fortalecendo a sua autoestima e possibilitando agregar renda.

### PALAVRAS-CHAVE:

Turismo no Espaço Rural. Cultura. Assentamentos Rurais. Manifestações Culturais.

### ABSTRACT

The study of the culture in the settlements Gleba XV de Novembro and Nova Pontal, both located in the rural municipality of Rosana/SP, concerns the relevance of this for the development of rural tourism. Is to consider them important to the social and economic development of the community involved. Propose to understand tourism through a case study, a descriptive and exploratory, with the study of literature and by using semi-structured interviews. The subjects were the masters of the Folia of Reis and the Roda of Viola, as well as the managers of the Municipality, the Engineer Sérgio Motta and Museu of Memória Regional. Found - that the culture of the settlers is underlying to the process of local development and revealed that his recovery through the practice of tourism is of great value to protect the way of life, their customs and knowledge, strengthening their self-esteem and enabling aggregate income.

### KEY WORDS:

Tourism at Rural Areas. Cultura. Rural Settlements. Cultural Manifestation.

## 1. INTRODUÇÃO

Para começarmos, adentremos em um tema relevante que é a cultura como campo de possibilidade para o desenvolvimento do turismo no espaço rural, já que este leva em consideração as relações existentes entre a geografia, turismo e cultura. Em virtude disso, entendemos que a atividade turística reconhece que os aspectos geográficos e culturais são essenciais para o seu desenvolvimento.

Dado o exposto, este trabalho teve como objetivo geral investigar a cultura nos assentamentos do Município de Rosana/SP como alternativa que contribua para o desenvolvimento da atividade turística. É fundamental destacar que o estudo se deu no campo da potencialidade e do planejamento de um futuro turismo, inclusive com as propostas de roteiros, e não da análise do turismo, já que ainda não existe nos assentamentos.

Nesse sentido, o percurso metodológico adotado foi o estudo de caso, pois este é comumente utilizado em pesquisa qualitativa, coletados a partir de eventos reais, com o objetivo de explicar, explorar ou descrever fenômenos atuais inseridos em seu próprio contexto. Caracteriza-se por ser um estudo detalhado e exaustivo de poucos, ou mesmo de um único objeto, fornecendo conhecimentos profundos (YIN, 2005).

No que tange a produção dos dados, este utilizou a pesquisa bibliográfica, documental e aplicação de entrevista semi-estruturada, com roteiro elaborado previamente e com questões em aberto, pois este tipo de entrevista possibilita mais flexibilidade à pesquisadora em inserir alguma questão sobre algum aspecto importante surgida no ato da entrevista, e que não tenha sido contemplada no roteiro. Nesse sentido, as entrevistas foram utilizadas com o intuito de conhecer as ações da Divisão Municipal de Turismo, Eventos e Cultura de Rosana, aos mestres da Folia de Reis e da Roda de Viola, Museu de Memória Regional e a Usina Hidrelétrica Eng. Sérgio Motta.

Os sujeitos foram escolhidos: por serem mestres dotados de notório saber no que se refere a Folia de Reis e a Roda de Viola; e os gestores que estiveram relacionado com a temática de cultura e turismo. As entrevistas tiveram no seu escopo questões que levariam a caracterização e a compreensão da cultura local e do turismo.

O Município de Rosana localiza-se no extremo oeste do estado de São Paulo, pertencente à região do Pontal do Paranapanema e tem como limites os seguintes municípios: Teodoro Sampaio (SP), Euclides da Cunha Paulista (SP), Diamante do Norte (PR), Bataiporã (MS) e Anaurilândia (MS), conforme ilustrado na Figura 1. Ele é constituído por quatro assentamentos de reforma agrária, são eles: Gleba XV de Novembro, Nova Pontal, Bonanza e Porto Maria, contudo são objetos de estudo, os dois primeiros, respectivamente.

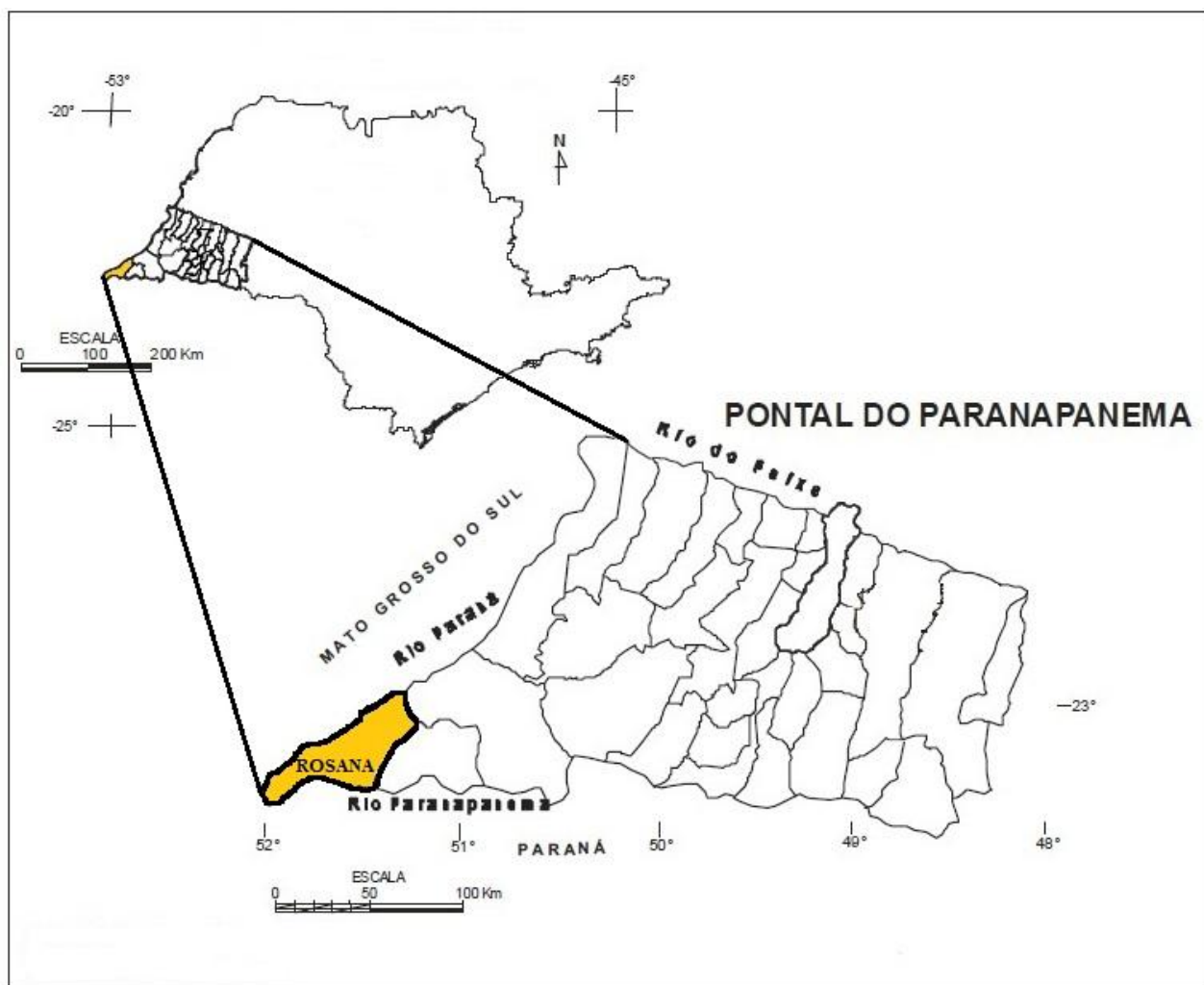


Figura 1- Mapa de localização do município de Rosana/SP

Fonte: Thomaz Jr, A. 2007. Disponível em: <http://sit.mda.gov.br/download/ra/ra073.pdf>. Acesso em 12 jul. 2013.  
Org.: Autora.

O assentamento Gleba XV de Novembro, foi criado em 1984, tinha 571 lotes com uma área de 13.311 hectares, no qual abrange os Municípios de Rosana e Euclides da Cunha Paulista. Em Rosana/SP, estão localizados 438 do total de lotes existentes. Possui uma área para agricultura de

10.688 hectares. Este assentamento é distribuído em seis setores, sendo quatro localizados em Rosana, tais como setor I, II, III e VI; e os demais localizados no outro Município, como por exemplo, IV e V. (IOKOI et al., 2005; RAMIRO, 2008).

O processo de formação deu-se no ano de 1980 quando, com o fim das obras de construção das usinas hidrelétricas de Rosana e Engenheiro Sérgio Motta, muitos trabalhadores foram dispensados do serviço e um contingente de pessoas perderam suas moradias com o enchimento das duas represas, e disso resultou um impacto socioeconômico enorme na vida desses indivíduos (IOKOI et al., 2005).

Essa conjuntura favoreceu para que no dia 15/11/1983 aproximadamente 800 trabalhadores vindos dos municípios de Rosana, Euclides da Cunha Paulista, Teodoro Sampaio, Mirante do Paranapanema e outras localidades, fizessem a primeira ocupação no Pontal do Paranapanema. Ocuparam as terras da ex-fazenda Tucano e Rosanela, ambas em Teodoro Sampaio. A ocupação terminou por meio de um pedido de desapropriação feito pelos proprietários e, sem terem para onde ir, foram acampar as margens da Rodovia Arlindo Bétio, SP 613 (IOKOI et al., 2005).

No ano de 1984 foram para uma área provisória cedida pela Companhia Energética do Estado de São Paulo (CESP). Por fim, neste mesmo ano, foi desapropriada uma área equivalente a 15 hectares para a implantação do projeto assentamento Gleba XV de Novembro, o primeiro a ser criado após governo militar.

No que diz respeito ao assentamento Nova do Pontal, também localizado no Município de Rosana, a princípio tiveram 122 famílias, abrangendo uma área de 2.786 hectares de terra. Possui grande capacidade hídrica, pois está próximo ao rio Paranapanema, e do reservatório construído para a Usina Hidrelétrica de Rosana. O assentamento foi favorecido, também, pelos ribeirões Água-Amarela, Cachoeirinha e Areia Branca (RAMIRO, 2008).

A trajetória histórica desse assentamento começou em julho de 1990, com a ocupação por mais de 1500 pessoas, em comunhão com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na fazenda Nova Pontal, propriedade da empresa Timboril Agropecuária Ltda. Após a regularização, fizeram a primeira ata, em 29 de Outubro de 1998, no qual a terra foi dividida com as famílias, a

saber: ex-funcionários, Sindicato dos Trabalhadores rurais de Rosana, MST, e Movimento dos Agricultores Sem Terra (MAST). Os ex-funcionários puderam escolher o local para residir, ficando sete lotes próximos a estrada de acesso ao assentamento, ao lado direito, e outros três lotes ao redor do barracão, ocorrendo a distribuição no primeiro dia (RAMIRO, 2008).

Antes da partilha foi realizada uma assembleia, cada grupo tinha o seu dia para realizar a sua e decidir sobre a delimitação de seus lotes. Caso não chegassem a um acordo, a Fundação ITESP faria um sorteio dos lotes, a fim de interferir da menor forma possível na escolha. Na distribuição, ficou decidido em assembleia que seria da seguinte forma: o grupo do MST ficaria com 44 lotes para as famílias relacionadas ao movimento; o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rosana com 52; o MAST com 16 e os ex-funcionários com 10 lotes (RAMIRO, 2008).

## **2. REFLEXÕES ACERCA DAS RELAÇÕES ENTRE O TURISMO, CULTURA E O TERRITÓRIO**

O estudo geográfico nos permitiu efetuar recortes no espaço para melhor entender as dinâmicas que ocorreram. Nesse sentido, este pode ser delimitado como território ou parte dele. Para Santos (2007, p. 14) o território já não pode ser entendido apenas como o conjunto de sistemas naturais e sistema técnico-científico; o território é o conjunto dos aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais. É aquilo que o autor chama de “território usado”, no qual este nada mais é do que o chão que se pisa mais a identidade. “A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida”.

A compreensão do território nos permitiu perceber as relações do turismo com as expressões culturais dos assentamentos mencionados anteriormente. Assim, optou-se por discutir as conceituações e as questões relevantes quanto à implantação de um turismo responsável de base local, no que se referiu ao planejamento do turismo municipal atrelado ao espaço rural que contemplasse a cultura ali existente.

Tendo em vista as informações a respeito do turismo, iniciaremos a discussão teórica a partir do entendimento de alguns autores sobre o assunto. Em razão disso, de acordo com Bricalli (2005), o

turismo rural pode ser caracterizado como uma junção entre as pessoas, recursos naturais e culturais. Também podem ser levadas em consideração a localização, a atividade agrícola desenvolvida e as interações entre estes itens citados. Nesse sentido, o turismo no espaço rural congrega em si todos os acontecimentos e empreendimentos realizados no campo.

O turismo rural foi criado partindo da idéia de trazer desenvolvimento às áreas rurais e, por isso, sua contribuição é bastante significativa para localidades em que está inserido, além de ser um item básico à valorização do patrimônio cultural, natural e motivacional para a população rural (PALOMEQUE, 2008, p.38, tradução minha).

Nesta perspectiva, para uma atividade ser considerada como turismo rural, é necessário que ela apresente as seguintes características, a saber: pequena produção, contato com a natureza, envolvimento com a cultura do campo (RUSCHMANN, 2003). Dessa forma, o turismo rural pode ser um multiplicador econômico para aqueles proprietários que apostam em nesse empreendimento, pois isso poderá gerar renda para a localidade, incrementar a rede de prestadores de serviços e qualificação para o local.

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (2001), o turismo rural refere-se às atividades que são feitas no campo, seguindo os costumes e as tradições vividas em ambientes distantes das cidades e áreas industrializadas, tais como povoados, sítios, etc.

O turismo no espaço rural agrega outras atividades, tais como, o turismo cultural, que segundo Dias (2006, p. 30):

[...] é o conjunto de comportamentos sociais fundamentados em valores que têm por base a hospitalidade e constituiu-se em um sistema de significados e de símbolos coletivos segundo os quais a comunidade interpreta suas experiências e orienta suas ações referentes aos turistas.

No que diz respeito ao Brasil, a procura pela cultura representada pelo patrimônio cultural, seja do tipo: arqueológico, histórico, ferroviário, etc, representa um potencial para o desenvolvimento territorial por meio da atividade turística, não tão somente no aspecto econômico, mas transcende essa questão, pois envolve toda a infraestrutura municipal que se deve melhorar para a população e

que muito beneficiará a atividade turística. Em virtude disso, é necessário que haja uma mudança no tratamento da cultura e do turismo.

Segundo Dias (2006, p. 52) é imprescindível a preservação do patrimônio cultural, pois,

A manifestação cultural, quando integrada pelos membros da comunidade, preenche todas as condições simbólicas para valorizar e para fortalecer a cultura da qual se originou, embora possa cumprir, muitas vezes, uma nova função, muito mais de construção ou de fortalecimento de uma identidade do que as funções originais.

Uma forma de garantir a salvaguarda da cultura materializada no patrimônio cultural é o planejamento. O ato de planejar é uma ação indispensável, tendo em vista que não há um planejamento que sirva para todos os lugares, como uma receita pronta, e sim averiguar qual o mais adequado para a realidade do local.

Para Acerenza (2003, p.26), o conceito de planejamento abrange “a seleção consciente de determinada linha de ação, que se diferencia das ações adotadas por costume, impulsos irracionais e inclusive por ignorância”. É o conhecimento de todas as dimensões do objeto que se pretende planejar. É uma tentativa de aperfeiçoar idéias, antes da ação, que levem à correção do que não está no caminho certo e maximize os resultados satisfatórios.

Segundo a idéia de Petrocchi (2002, p. 19), o “planejamento é definição de um futuro desejado e de todas as providências necessárias à sua materialização”. Assim, o planejamento do turismo leva à consolidação da situação almejada, por meio da adoção de estratégias eficazes.

O conceito de planejamento turístico para Molina (2005, p. 46) é

[...] um processo racional cujo objetivo maior consiste em assegurar o crescimento e o desenvolvimento turístico. Este processo implica vincular os aspectos relacionados com a oferta, a demanda e, em suma, todos os subsistemas turísticos, em concordância com as orientações dos demais setores de um país.

Com base nesses pressupostos, é possível dizer que o planejamento turístico deve ser norteado por uma série de fatores que são condicionantes para o turismo, tais como, o que se tem no município, na região, no estado e no país. É importante verificar o que foi elaborado pelo órgão nacional

responsável pelo setor turístico, no caso do Brasil, o Ministério do Turismo, para ter uma noção do que é pensado em âmbito federal a respeito da atividade, entretanto não deve ser o ponto único a ser levado em consideração no planejamento local.

Além disso, o planejamento seja ele turístico ou não, deve contemplar as principais características da região e do local, bem como os aspectos geográficos, os fatores climáticos, as formas de acesso, a infraestrutura, a paisagem, os aspectos socioculturais, entre outros elementos.

Tendo em vista esses aspectos fomos levados a acreditar que a cultura é um dos pontos basilares do turismo, já que por meio dela podemos entender a história de vida dos indivíduos e sua relação com a produção do espaço do presente e do passado.

Essa relação está permeada pela memória, tendo em vista que é a memória que possibilita a filiação com a temporalidade, que florescem e dão significados ao lugar e a vivência. Nos estudos sobre cultura, é nítida a associação da memória com os fatos sociais, sejam eles coletivos ou individuais, ou seja, “as relações sociais da memória e a memória das relações sociais”, e são de suma importância na constituição da identidade e do lugar (COSGROVE, 1999, p.23).

A cultura é indispensável para o desenvolvimento individual e social. Não há pessoas que não tenham preservados em si traços culturais de seus antepassados, assim como não há sociedades que não trazem enraizadas no seu espaço os elementos culturais do passado.

Para Corrêa (1999, p. 65), a cultura que em nós foi impressa, perpassa a experiência e o espaço, ao mencionar que:

Aquilo que as pessoas recebem do mundo que as circunda, ou aquilo que elas experimentam, é limitado espacialmente e traz a marca de uma época; cada indivíduo não pode ter experiências pessoais e descobrir e explorar ambientes, a não ser na esfera que lhe é acessível cotidianamente, ou após deslocamentos realizados por períodos mais longos. O ambiente no qual ele se impregna lhe traz são às vezes informadas, porque já sabe: a percepção mostra em quais pontos as relações com o meio são modeladas pelas coletividades às quais se pertence, de onde se recebe os termos e os quadros de pensamento que de utiliza.



O estudo geográfico da cultura nos permitiu enxergar que a humanidade participa de um duplo sistema de distâncias: a do espaço físico, que podem ser controladas, sentidas e percebidas pelo uso da tecnologia; e as dos espaços psicológicos, que são as mais complexas de se entender, pois formam verdadeiros labirintos de sistemas culturais, que sobrevivem em meio a existência da distância física (CORRÊA, 1999).

Nesse sentido, não há uma fórmula para compreender a cultura, não há regras que possa delimitar o que é certo ou o que é errado. O que há são experiências e valores que podem ou não serem apreciados em outra comunidade.

Além disso, conforme Corrêa (1999), a cultura é o que caracteriza uma paisagem e a diferencia de um local para o outro, que cria identidade.

É graças ao jogo de valores, aos procedimentos sociais de institucionalização e aos ritos de passagem que as culturas individuais se acham integradas nos sistemas simbólicos que dão um sentido à vida de cada um e à existência do grupo, permitindo que se definam ao mesmo tempo como diferentes e semelhantes – e, portanto, possuindo uma identidade (CORRÊA, 1999, p.73).

Em virtude disso, a cultura é a apreensão do tempo histórico, mediante a apropriação da tradição e afirmação de uma identidade. Assim o estudo da cultura deve fundamentar em conhecer a realidade vivida e a construção que se faz dela que na maioria das vezes ignora as distâncias materiais e cria um mundo simbólico para explicar e contextualizar uma determinada situação.

Assim, para os estudos culturais, além das dimensões de espaço deve ser levado em consideração o território, tendo em vista que é no território que se pode compreender melhor as relações e suas interfaces, no que tange

[...] os jogos de poderes disputado, apropriado, ameaçado, povoado, explorado; ele integra uma dimensão sociopolítica (os sistemas de controle ou de apropriação do qual ele é objeto) e uma dimensão cultural (a carga simbólica de que ele se reveste para os indivíduos ou grupos que nele capturam uma parte ou a totalidade de sua identidade). A idéia de acontecimento excepcional, definida por sua fraca ocorrência estatística, opõe-se a de risco, que leva em consideração tudo o que a catástrofe causa, como destruições, danos, perdas de vidas humanas, interrupção de serviços e da vida normal (CORRÊA, 1999, p.79-80).

A valorização dos elementos culturais deve ser um contrapeso para a globalização, no qual prega a uniformização dos diferentes espaços. A dificuldade consiste em resistir às amarras do capital financeiro, já que este tem corrompido drasticamente as distintas culturas. É uma busca pela padronização que vorazmente dinamiza as relações interpessoais, sem, contudo humanizar e equalizar as relações econômicas, produtivas e sociais.

O balizamento que é feito em acordo a tendência da globalização, que tenta agrupar ricos e pobres, mas na realidade o que se cria é um distanciamento, pois as dificuldades socioeconômicas e culturais permanecem as mesmas ou são agravadas. Assim a existência de territórios é que faz o embate para superar e enaltecer as diferenças que são esquecidas pela globalização. É o caso da resistência de algumas expressões culturais, tais como a zapatista, no México e os movimentos sociais brasileiros, que lutam pela terra, concretizados nos assentamentos rurais de reforma agrária.

Assim, a atual dança da morte entre identidades, nações e Estados deixa, de um lado, Estados-Nação historicamente esvaziados, vagando nos mares dos fluxos globais de poder, e de outro, identidades fundamentais, retraídas em suas comunidades ou mobilizadas na captura incondicional de um Estado-Nação cercado por todos os lados; em meio a essa turbulência, o Estado-Nação local luta com todas as forças para reconstruir sua legitimação e instrumentalidade, navegando em redes transnacionais e integrando sociedades civis locais (CASTELLS, 2001, p.321).

A legitimidade da territorialidade se “manifesta muitas vezes no cuidado de preservar o patrimônio monumental – e por vezes natural – das áreas reivindicadas. Ela toma, então, uma dimensão paisagística” (CORRÊA, 1999, p.91). A inversão do processo de massificação dos aspectos culturais permite o estabelecimento das identidades, das comunidades tradicionais, e a persistência de alguns setores sociais em apoiar as expressões culturais como forma de resistir às tendências globais.

O entendimento de identidade está estritamente relacionado com a noção de pertencimento do lugar, da experiência apreendida, da produtividade individual e coletiva, dos arranjos que se afloram, das amizades que se criam e criam. A experiência é o fator determinante na cultura e no qual o turismo encontra seu aporte existencial.

A experiência é constituída de sentimento e pensamento. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente a memória e a intuição

são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida de pensamento (TUAN, 1983. p.11).

Dado o exposto, a identidade pressupõe algo de diferente que se sobressai. No caso da identidade territorial também se pensa em um território que de alguma forma se diferencia ou se destaca por algum motivo. No que tange aos assentamentos rurais, Gleba XV de Novembro e Nova Pontal, destacaram-se por ser um local em que o modo de vida determina a produção do espaço, alicerçados, principalmente, pelo histórico de ocupação e luta pela terra.

Haesbaert (1999) contribuiu com a discussão ao mencionar que toda identidade territorial também é uma identidade social, no qual não dá para separar o território dos aspectos sociais, econômicos e políticos. Afirmou ainda que não há território sem identidade. Neste caso, o território é o meio pelo qual as formas identitárias se manifestam e se concretizam.

O território identitário é um local no qual o ritual, o simbólico, as práticas ativas e ações antrópicas se manifestam, produzindo distintos espaços, materializados em paisagens diversas, por intermédio das quais se afirmam e vivem as expressões culturais (BOSSÉ, 2004).

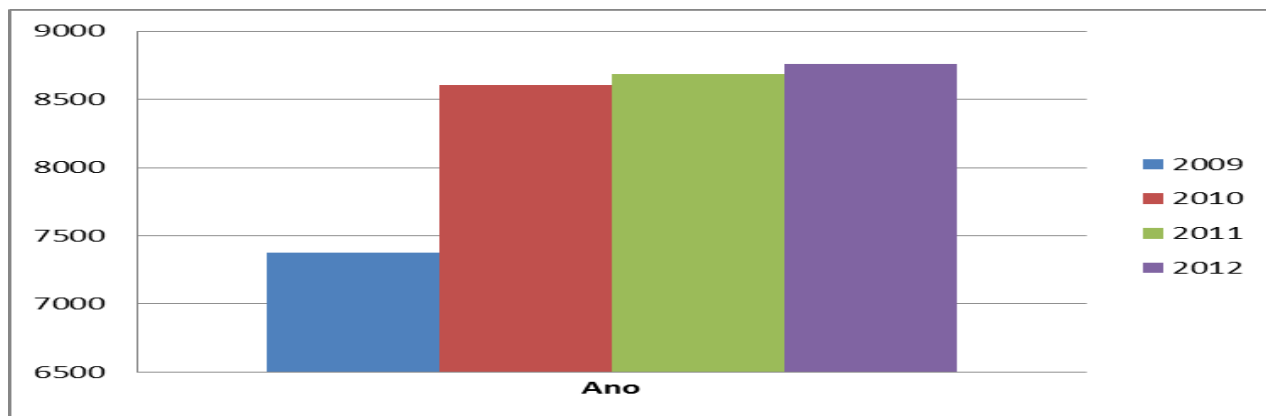
Apesar das paisagens serem conhecidas como reflexo da cultura, resquícios dos episódios do passado, só recentemente eles foram associados aos aspectos sociais, políticos, como fundamental para entender os processos de transformações espaciais (DUNCAN, 2004).

Conforme Gomes (1999), para a geografia só é possível associar a paisagem como prática espacial se houver uma contextualização no qual, dependerá da capacidade de cada indivíduo de conseguir interpretar os elementos ali postos. Assim é possível entender que a cultura é um sistema de valores no qual apresenta os comportamentos, os costumes, o modo de vida e hábitos espaciais, da organização espacial, política, econômica de uma localidade, ou seja, na paisagem está a materialização da cultura dos indivíduos.

Em vista dos conceitos aqui apresentados, percebeu-se que, por meio da análise das entrevistas, que os sujeitos acreditam no turismo como possibilidade de desenvolvimento territorial, de valorização da cultura dos assentados representados pelo seu modo de vida, costumes e festividades.

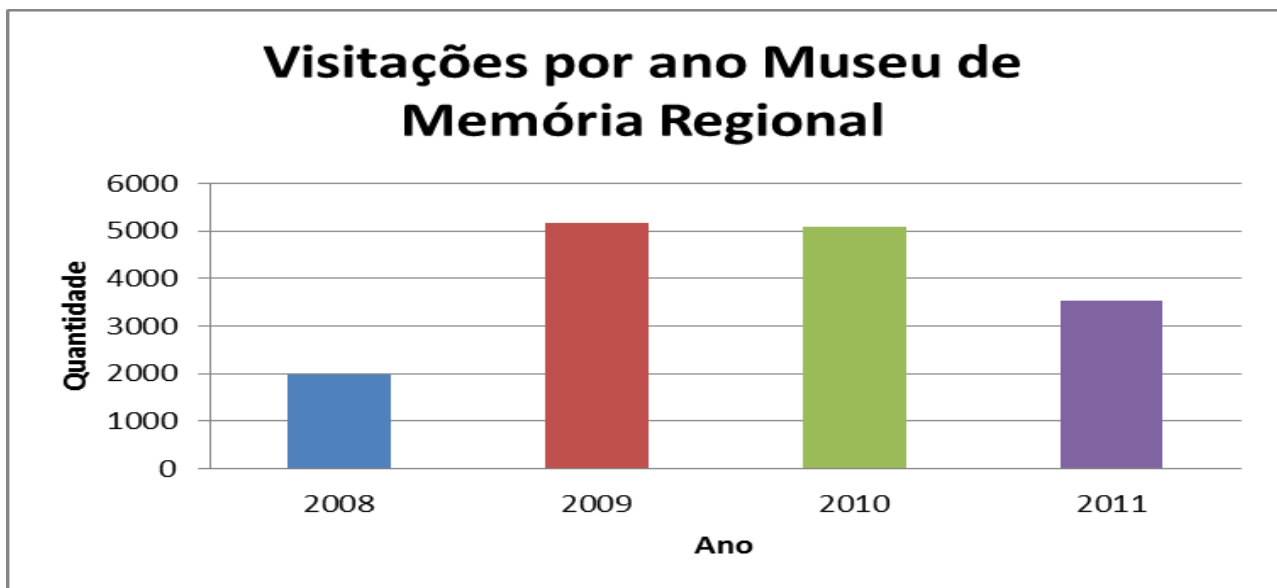
Por outro lado, a análise dos dados levou a identificação dos seguintes elementos: a Usina Hidrelétrica Eng. Sérgio Motta e o Museu de Memória Regional como principais atrativos municipais; no assentamento Gleba XV de Novembro, a Folia de Reis e a Roda de Viola como principais recursos culturais; e a culinária como elemento evidenciado no assentamento Nova Pontal. Estes elementos culturais existentes nos assentamentos foram selecionados, porque apresentaram uma data fixa para realização e foram inventariados com potencialidade para o turismo; e dos atrativos existentes no município, apenas a Usina Hidrelétrica Eng. Sérgio Motta e o Museu de Memória Regional são caracterizados como tal predicado, recebem anualmente um fluxo significativo de pessoas, conforme gráficos 1 e 2 e disponibilizam estrutura para receber visitantes.

Gráfico 01 – Visitas da Usina.



Fonte: Usina Hidrelétrica Eng. Sérgio Motta, 2013. Org.: Autora.

Segundo informações obtidas por meio da entrevista com o gestor responsável pelas visitas na Usina, o número de visitas ao ano é de aproximadamente de oito mil pessoas, com uma média de 650 visitas ao mês, sendo que nos meses de férias escolares há uma queda desse percentual, já que as visitas são em grande parte de grupos de estudantes.

**Gráfico 2 - Visitas do Museu de Memória Regional**

Fonte: Museu de Memória Regional, 2013. Org.: Autora.

Além disso, observou-se que todos os entrevistados acreditam que o turismo poderá contribuir para desenvolvimento destes assentamentos. Por isso, percebemos que em relação a gestão municipal demonstrou interesse pelo turismo; no tocante aos mestres da Folia de Reis e Roda de Viola tiveram uma aceitação por acreditarem que o turismo poderá ser uma alternativa de valorização da sua cultura; no que tange aos gestores, a saber, da Usina Hidrelétrica e do Museu de Memória Regional, entenderam que o turismo pode ser uma opção para alavancar o desenvolvimento turístico nos assentamentos.

Dado o exposto, concluiu-se que existe a possibilidade de entrecruzamento da proposta de turismo no espaço rural nos assentamentos citados por meio de roteiro de visita com a Usina e o Museu.

Por isso, a partir do que foi mencionado nas entrevistas, foram elaboradas duas propostas de roteiros que levasse em consideração os interesses de todos os envolvidos, principalmente em atenção às falas dos mestres da Folia de Reis e Roda de Viola, tendo em vista que ambos lutam para que haja um reconhecimento por parte do poder público e da sociedade civil rosanense.

Nesse sentido, o primeiro roteiro, Quadro I, contemplou os aspectos ambientais e técnicos da construção da Usina; os benefícios e os malefícios da geração de energia por meio de usina hidrelétrica; os impactos na fauna e flora com destaque para as espécies em extinção, bem como os reflorestamentos, unidades de conservação, manejo da fauna silvestre; e o remanejamento populacional com a criação dos reassentamentos e os impactos que isso ocasionou.

Quadro 01- Roteiro de Visitação I

Roteiro 1 – Usina no contexto ambiental e cultural	
Meio Período	Atividade
A combinar	Recepção no Auditório
1h00 minutos	Vista a Usina: enfatizar sobre a construção da Usina e a produção de Energia.
00h40minutos	Visita ao Viveiro de Produção de Mudas: enfatizar sobre os impactos ambientais. - visitar o banco ativo de germoplasma; - Trilha até o Auditório ao Ar Livre.
00h40minutos	Auditório ao ar Livre: falar dos aspectos culturais da relação homem com a natureza - apresentação de Violeiros da Roda de Viola ou do grupo de Folias de Reis.
00h40 minutos	Finalizar a Visita - Retornar ao Auditório interno. - Café no local com alimentos caseiros dos assentamentos rurais: queijos, doces, compotas, leite, café, sucos, etc. - Despedida do grupo.

Fonte: Autora, 2013.

No que se refere aos elementos culturais considerou-se a possibilidade de utilizar o Auditório ao ar livre para retratar a cultura dos assentados e sua relação com a produção do espaço social e natural. No tocante a cultura dos assentados haveria a apresentação do grupo de Folia de Reis e/ou dos violeiros da Roda de Viola, como possibilidade de envolvê-los com o turismo e consequentemente, sensibilizar sobre a importância desses grupos culturais para a localidade.

Na segunda proposta de roteirização, Quadro II, buscou-se enfatizar os aspectos técnicos da Usina, bem como os aspectos culturais e os assentamentos rurais. Dessa forma, este roteiro seria para demonstrar o processo de construção da Usina, elencando dados técnicos para se compreender o porquê que a Usina foi instalada no município, além da problemática da produção de energia.

Roteiro 2 – UHE Eng. Sérgio Motta e o espaço rural	
Período Integral	Atividade
A combinar	Recepção no Auditório
1h00 minutos	Vista a Usina: enfatizar sobre a construção da Usina e a produção de Energia
00h40minutos	Visita ao Viveiro de Produção de Mudanças: enfatizar sobre os impactos ambientais - visitar o banco ativo de germoplasma: enfatizar a questão dos impactos da construção da Usina Trilha até o Auditório ao Ar Livre: - área de reflorestamento.
01h00minutos	Visita ao Museu de Memória Regional: falar dos aspectos culturais da região. - Povoamento; - Cotidiano e Lazer (Painel Cotidiano e Energia) ressaltar as brincadeiras, atividades do cotidiano, atividades esportivas e de lazer como os bailes, a musicalidade, entre outras.
1h45 minutos	Deslocamento para o assentamento - almoço no assentamento - apresentação do grupo de Folias de Reis ou Violeiros da Roda de Viola.
01h00	- visita a algumas propriedades próximas ao rio Paranapanema ou Paraná.
01h00 minutos	- Apresentação do grupo de Folias de Reis ou Violeiros da Roda de Viola. - Café da tarde no local com alimentos caseiros dos assentamentos rurais: queijos, doces, compotas, leite, café, sucos, etc. - Despedida do grupo.

Quadro 02 - Roteiro de Visitação II

Fonte: Autora, 2013.

Na visitação ao Viveiro de Produção de Mudas poderiam ser exemplificados os impactos decorrentes da construção da Usina e suas consequências na trajetória de vidas de diversos indivíduos que tiveram suas relações com o espaço modificadas.

E, finalmente no que diz respeito aos aspectos culturais poderiam se mencionar as ações antrópicas contemplados no Museu de Memória Regional. Neste espaço caberia relacionar o modo de vida das primeiras famílias que ocuparam a região com as famílias assentadas, expondo as diferenças existentes entre as formas de lazer, a alimentação, os bailes, a musicalidade entre essas distintas gerações do passado e do presente.

Nos assentamentos Gleba XV de Novembro e Nova Pontal, seriam apreciados a culinária, o contato com o próprio modo de vida e sistema produtivo dos assentados. Além disso, seria de suma importância retratar a presença de grupos culturais detentores de saber tradicional, a saber, a Folia de Reis e a Roda de Viola, já que eles foram o epicentro para o desenvolvimento dessa proposta de roteirização.

O espaço é o lugar no qual se manifesta os diversos aspectos da presença antrópica. Dessa forma, diante dos elementos formalmente considerados como atrativos turísticos municipais, tais como, a UHE Eng. Sérgio Motta e o Museu de Memória Regional, percebeu-se que, se aliados ao grupo de Folia de Reis, a Roda de Viola e ao modo de vida dos assentados, esse arranjo solidificaria o desenvolvimento turístico, e destarte, contribuiria para a valorização da cultura assentada e da diversidade de expressões culturais ali existentes, que vão para além da presença da Folia de Reis e da Roda de Viola.

### **3. CONCLUSÃO**

Em vista dos aspectos apresentados, como por exemplo, a cultura dos assentados, materializados na Folia de Reis, na Roda de Viola e no modo de vida, são elementos de relevante importância para o planejamento da atividade turística. Levando em consideração que, por meio do turismo é possível o desenvolvimento que agregue valor à identidade local, ao contexto histórico-cultural da criação dos assentamentos, da vinda dessas famílias, da luta pela posse da terra e a conquista da mesma. Além da geração de renda, que contribuiria muito para a fixação do homem no campo.



Cabe lembrar que o turismo não é o único caminho a ser trilhado, todavia, diante das características apresentadas dos assentamentos, esta seria uma possibilidade para se pensar o desenvolvimento territorial rural deste Município.

Por outro lado, é necessário destacar que o turismo existente no Município não teve a participação dos assentamentos rurais, contudo, em contrapartida, percebeu-se que muito foi falado sobre a importância do planejamento e da inserção dos assentamentos por parte do gestor, mas que pouco ou quase nada avançou nesse sentido.

Com base nesses pressupostos, foi possível inferir que o turismo igualmente contribuiria para complementar a produção do pequeno produtor assentado e, da mesma forma, colaboraria para valorizar o modo de vida rural.

Por todos esses aspectos que o planejamento serviria para relacionar a produção do espaço, com a cultura e o turismo, a fim de se construir elementos que colabore para um sólido desenvolvimento territorial local que prime pela responsabilidade social, ambiental, cultural, e não tão somente, a econômica.

Nesse sentido, somos levados a acreditar que há no turismo a possibilidade de articular os diversos interesses que o envolvem, principalmente a inclusão da cultura dos povos menos privilegiados, como por exemplo, os assentados, no que se refere a política pública, a cultura, ao social e ao econômico. Apesar da complexidade que envolve a temática, concluiu-se que seria importante pensar em alternativas que associe o universo dos assentados ao turismo.

### **Referências Bibliográficas**

ACERENZA, Miguel Ángel. **Administração do turismo**. 5. ed. Bauru: Edusc, 2003. v. 2.

BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.157-179.

BRICALLI, Luiz Carlos Leonardi. **Estudo das tipologias do turismo rural**: Alfredo Chaves (ES). Santa Maria: Facos, 2005. (Série Dissertações em turismo rural).

- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. v. 2. Tradução de Klaus Brandini Gerhardt.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia cultural: passado e futuro – uma introdução. In ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p.49-58.
- COSGROVE, Denis. Geografia cultural do milênio. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p.17- 46.
- DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural**: recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006, p.1-257.
- DUNCAN, James. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.91-132.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. Cultura ou civilização: a renovação de um importante debate. In ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p.99-122.
- HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p.169-190.
- IOKOI, Zilda Márcia Gricoli et al (Org.). **Vozes da terra**: história de vida dos assentados rurais de São Paulo. São Paulo: Fundação Itesp, 2005.
- MOLINA, Sérgio. **Turismo**: metodologia e planejamento. Bauru: Edusc, 2005.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.
- PALOMEQUE, Francisco López. Delimitación conceptual y tipologias del turismo rural. In: FERNANDEZ, Juan I. Pulido (coord.). **El turismo rural**: estrutura econômica y configuración territorial en España. Madrid: Síntesis, 2008, p. 21- 49.
- PETROCCHI, Mário. **Turismo**: planejamento e gestão. 6. ed. São Paulo: Futura, 2002.
- RAMIRO, Patricia Alves. **Assentamentos rurais**: o campo das sociabilidades em transformação. O caso dos assentados do Nova Pontal. 2008. 156 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade de São Carlos.
- RUSCHMANN, Doris. O turismo rural e o desenvolvimento sustentável. In: ALMEIDA, Joaquim A.; FROEHLICH, José M; RIEDL, Mário (Org.). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2003, p. 63-73.
- SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton et. al. **Territórios, territórios**: ensaios sobre ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 13-21.

TUAN, Yi- Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 198.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 3. ed. Tradução Daniel Grassi. São Paulo: Bookman, 2005.